

Versão Online

ISBN 978-85-8015-038-4

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2007

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

**SEQÜÊNCIA DIDÁTICA PARA O TRABALHO
COM O GÊNERO TEXTUAL: LENDA**

Área: Língua Portuguesa

NOME DO PROFESSOR PDE: Zulmira Beranise de Oliveira

NOME DO ORIENTADOR: Profa. Ms. Fabiana Poças Biondo

Altamira do Paraná

2007/2008

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 ÁREA: Língua Portuguesa

1.2 PROFESSOR PDE: Zulmira Beranise de Oliveira

1.3 PROFESSORA ORIENTADORA IES: Professora Ms Fabiana Poças Biondo

SEQÜÊNCIA DIDÁTICA

GÊNERO TEXTUAL: Lenda

SÉRIE: 5ª Série do Ensino Fundamental

DURAÇÃO: 28 aulas

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste projeto estará pautado na organização de seqüência didática apresentado por Dolz et al. (2004), tendo como foco central o trabalho com um gênero textual, a lenda, visando desenvolver as habilidades de comunicação dos alunos, partindo das leituras de lendas, da contação de histórias, da troca de experiências.

Sua estrutura corresponderá a quatro módulos descritos criteriosamente adiante e uma produção final, que consistirá na confecção de uma coletânea da turma, do gênero em questão.

A principal meta a ser atingida é o contato dos alunos com o mundo da leitura desse gênero – lendas – e de outros. Para tanto, pretende-se levá-los à consciência de que o ato de ler vai muito além de se saber pronunciar palavras escritas: é necessário que ocorra um estreito relacionamento entre o texto, o autor e o leitor.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Silva (2005), a leitura tem sido utilizada no contexto escolar como pretexto para memorizar conceitos gramaticais e conteúdos cristalizados e superficiais.

O fracasso escolar, inegável na educação brasileira nas últimas décadas, pode estar relacionado – de acordo com resultados de diversos sistemas de avaliação do aproveitamento escolar (SAEB, ENEM), bem como dos trabalhos realizados nas salas de aula – à falta de domínio da leitura. Isso porque o déficit nesse tipo de atividade pode acarretar muitos problemas por se tratar de um processo interdisciplinar e também intersubjetivo. Considerando que no âmbito escolar a leitura tem sido trabalhada como simples decodificação, esta proposta buscará reflexões sobre o que é necessário para que a leitura seja tratada como prática significativa no processo de aprendizagem.

O tratamento dispensado à leitura na escola tem sido alvo de pesquisas e propostas de vários estudiosos do assunto (Gerald, 1997; Silva, 2005; Kleiman,

2000; Rocco (1996); e muitos outros), numa tentativa de alterar o quadro exposto nos parágrafos anteriores.

Esses autores propõem um trabalho inovador a partir dos gêneros do discurso sob a teorização de Bakhtin. Para Rojo (2004), gênero é, em Bakhtin, a multiplicidade de textos produzidos que circulam socialmente. Porém, o professor não deve preocupar-se em classificá-los ou enquadrá-los em um determinado gênero, mas de utilizá-los em larga escala, possibilitando ao aluno o contato real com estes.

Nas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica (2006, p.25), a leitura é entendida “como um processo de produção de sentido que se dá a partir de interações sociais ou relações dialógicas que acontecem entre o texto e o leitor”.

Assim, o ato de ler só se efetiva quando há compreensão daquilo que se leu. Isso ocorre quando o leitor ativa os conhecimentos prévios. Ninguém compreende o que não conhece.

PROPOSTA DE TRABALHO EM SALA DE AULA: O mundo imaginário das lendas

As grandes perguntas sobre questões ligadas à origem do universo, ao aparecimento do homem, aos fenômenos da natureza, à existência de outros planos espirituais, são indagações que continuam a ser feitas e refeitas pelo ser humano na busca contínua de conhecimento do espaço em que vive e de si próprio (Rocco, 1996, p.45).

Segundo Rocco (1996), as explicações para essas interrogações e de muitas outras são contadas e recontadas de geração em geração através de narrativas fantásticas, entre elas está a lenda.

No contexto escolar, esta tipologia provoca a imaginação, o devaneio, a magia e, principalmente a curiosidade. Essas sensações levam os alunos a querer saber mais sobre o fato ali relatado, de forma que o imaginário supera o histórico e o real.

Ainda de acordo com Rocco (1996), a lenda é uma narrativa breve, transmitida anonimamente pela tradição oral, que lança mão do sobrenatural, do mágico para criar representações simbólicas. Ao dar respostas, explicações lúdicas

para o inexplicável, libera a capacidade imaginativa dos indivíduos, permitindo que a dimensão do sonho dialogue com a da razão. É dessa forma que apresenta seu caráter educativo.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA: primeiros contatos

Inicialmente, o professor deverá expor aos alunos o projeto de comunicação que será desenvolvido na turma trabalhando o gênero “lenda”, explicando que o mesmo terá o formato de módulos, num total de quatro, e que ao final, produzirão uma lenda. Cada módulo trará atividades que contemplarão as peculiaridades do gênero textual em questão.

Como estágio preparatório para o estudo, a primeira atividade a ser desenvolvida consistirá em estabelecer contato entre esse tipo de texto e os alunos. Previamente, o professor apresentará as seguintes questões à classe:

- . Você sabe o que é uma lenda?
- . Como se originaram as lendas?
- . Você já leu ou ouviu alguma lenda? Qual?
- . Se já leu, em que tipo de material? (livro, jornal, revista...)
- . Se já ouviu, quem a contou?
- . Você gosta de ler ou ouvir lendas?
- . Que outro tipo de texto gosta de ler?

Após essa discussão, os alunos deverão expor para a turma lendas que leram ou ouviram. Em síntese, a primeira produção ocorrerá por meio de contação de histórias fantásticas.

Num segundo momento, o professor disponibilizará aos alunos diversas lendas que podem ser do folclore brasileiro e de outros países e regiões. O professor poderá ler ou contar uma lenda para favorecer o envolvimento e a descontração da turma.

Na seqüência, distribuirá para a turma cópias do texto “A história de laçá” (em anexo), de Suely Mendes Brazão para apoiar as atividades de leitura e da seqüência didática.

Nesta primeira fase, o professor deverá estar atento às dificuldades de comunicação dos seus alunos, observando as capacidades e os problemas existentes, de modo que possa auxiliá-los. Essas dificuldades e problemas verificados é que serão objetos de ensino-aprendizagem da seqüência didática no decorrer do desenvolvimento dos módulos.

Módulo 1: Percebendo as características do gênero lenda.

O professor poderá iniciar a atividade escrevendo o título do texto no quadro para realizar um levantamento das possibilidades que este fornece ao leitor. Deverá debater abertamente com a turma os assuntos supostamente abordados, lembrando sempre que se trata de uma lenda e que esse gênero não tem compromisso com a verdade, incitando, assim, o devaneio, a imaginação, o irreal.

Antes de iniciar o trabalho com o texto selecionado, o professor deverá realizar um estudo das condições de sua produção: autor, estilo, época, local, meio de circulação, contexto social em que pode ser inserido, bem como os objetivos pretendidos com sua circulação.

O professor apresentará o texto “A lenda do arco-íris” reproduzido em transparência para retro projetor, para facilitar a discussão e a análise. Poderá realizar a leitura por parágrafos, sem permitir a visualização total da lenda, permitindo aos alunos a leitura por adivinhação e confirmação.

Poderá também colocar outras lendas com a finalidade de compará-las quanto às características apresentadas pelo gênero em estudo.

Depois desse estudo, os alunos deverão observar as características do gênero presentes no texto:

- a) o tema (de que fala);
- b) o fato irreal;
- c) a explicação científica do fato (quando houver);
- d) os personagens.

Módulo 2: Comparação estrutural da narrativa.

Os alunos deverão observar as lendas que leram e comparar com a apresentada pelo professor, levando em conta os seguintes critérios estruturais:

- a) O que aconteceu? (localizar o fato)
- b) Onde aconteceu? (em que lugar)
- c) Quando? (em que tempo)
- d) Com quem? (quem são os personagens)
- e) Por que esse fato aconteceu? (quais foram os motivos ou justificativas)
- f) Por isso... (como termina a história)

Para realizar essa atividade, o professor poderá dividir a turma em pequenos grupos. Para sanar possíveis dúvidas e dificuldades, deverá, a título de exemplificação, anotar no quadro os elementos constitutivos da narrativa apontados pela turma, numa construção coletiva.

Módulo 3: Compreensão do tema da lenda.

O professor realizará, nesta etapa, um trabalho direcionado à ativação e comprovação dos conhecimentos prévios dos alunos. Conhecimentos estes que possivelmente mantenham relação com outras áreas e disciplinas escolares.

Para tanto, apresentará novamente o texto aos alunos e desenvolverá as atividades abaixo:

ENTENDENDO O TEXTO

Esse texto é uma lenda indígena brasileira que dá uma explicação para a origem do arco-íris.

- 1) Certamente há algumas palavras do texto que vocês não conhecem.

a) Vamos fazer uma lista no quadro, colocá-las em ordem alfabética e pesquisá-las no dicionário.

b) Agora, vamos reler o texto para entendê-lo melhor.

2) No texto existem diversos elementos da natureza (a quem os indígenas atribuem nomes próprios). Há também a presença de índios, de deuses e do demônio. Localize-os apontando os nomes atribuídos a eles na lenda.

Índia=

Deus=

Filho do Deus=

Demônio=

Sol=

Céu=

Mar=

OBS: Para realizar esse exercício, o professor deverá falar sobre as diferenças de linguagem dos povos indígenas.

IMPRESSÕES DO TEXTO

1) Lendo apenas o primeiro parágrafo do texto, a autora nos leva a pensar que a história terá um final feliz ou infeliz? Por quê?

2) Releia os quatro primeiros parágrafos e diga que sentimentos tomaram conta dos personagens, quando:

- Anhangá resolve tomar a noiva de Tupá.

- A mãe proíbe Iaçá de ver Tupá.

- Iaçá é proibida pela mãe de ver Tupá.

3) A autora inicia o texto dizendo: “A bela índia laçá...”. No entanto, não existem no texto, palavras que comprovem essa afirmação.

a) Na sua opinião, laçá era mesmo bela? Por quê?

b) Após uma nova leitura do texto, dê sua opinião sobre:

- O que é ser belo?
- O que é ser feio?
- O que é ser bom?
- O que é ser mau?

c) Observando a ilustração do texto, faça uma descrição de laçá.

ESQUEMA ESTRUTURAL DA NARRATIVA.

1) Quantos parágrafos possui o texto?

2) Considerando que um texto possua três partes: introdução (início), desenvolvimento (meio) e conclusão (fim), identifique:

- o parágrafo introdutório;
- os parágrafos de desenvolvimento;
- os parágrafos conclusivos.

OBS: o professor deverá explicar cada parte aos alunos, deixando claro que isso não significa que um texto deve possuir apenas três parágrafos.

3) Geralmente, as lendas, os contos de fadas, e os contos populares apresentam o esquema descrito abaixo:

- O herói está em seu mundo comum;
- acontece um problema, um desafio;
- o herói decide agir;
- surgem os aliados e os inimigos;

- o herói passa por uma provação;
- ocorre o desfecho.

Nossa tarefa é localizar cada uma dessas partes da lenda lida.

EXPLORAÇÃO DO CONTEÚDO INTERDISCIPLINAR

Em artes plásticas, podemos classificar as cores em primárias e secundárias. As cores primárias, o vermelho, o amarelo e o azul, são puras. Da mistura de duas cores primárias, podemos formar as cores secundárias, que são: o laranja, o violeta e o verde.

A autora do texto nos fornece a composição de cada uma das cores secundárias.

1) Com base no texto, responda:

1º) Que elementos formam as cores primárias?

- a) o vermelho=
- b) o amarelo=
- c) o azul=

2º) Que elementos formam as cores secundárias?

- a) o laranja=
- b) o verde=
- c) o violeta=
- d) o anil (azul escuro)=

2) Para comprovar a composição das cores secundárias apontadas pela autora, vamos fazer uma experiência prática.

- O professor deverá distribuir tinta guache nas cores primárias e uma folha branca aos alunos para que realizem a mistura das cores indicadas no texto, compondo, assim, as cores secundárias.

3) Por fim, vamos fazer uma pesquisa que nos explique como ocorre, de fato, a formação de um arco-íris. Para isso, podemos consultar: a biblioteca, a internet, um professor de Ciências ou de Arte.

No desenvolvimento das atividades, certamente não faltarão oportunidades para que o professor trabalhe com atividades de retextualização. Essas deverão ser tratadas de acordo com o proposto por Marcuschi (2005), obra em que o autor traça estratégias de passagem do texto falado para o texto escrito.

Módulo 4: Co-autoria de uma lenda.

Os alunos deverão por em prática os conhecimentos adquiridos durante o processo, produzindo parte de uma lenda. O professor deverá fornecer-lhes três lendas:

- a) Na primeira, terão que criar o início da narrativa;
- b) Na segunda, criarão o desenvolvimento da narrativa;
- c) Na terceira, produzirão o desfecho da história.

O professor deverá orientá-los constantemente para que não esqueçam os elementos constituintes de cada parte. Essa atividade poderá se realizar em duplas.

PRODUÇÃO FINAL: autoria de uma lenda

Esta etapa compreenderá a produção individual dos alunos do gênero estudado. Cada aluno deverá escrever uma lenda que comporá a coletânea da turma. Deverão ser levados em conta os recursos lingüísticos necessários e adequados à situação comunicativa e ao gênero “lenda”.

Para que o texto atenda aos preceitos do gênero, os alunos deverão:

- a) Planejar a escritura do texto: colocando as idéias no papel, organizando-as, fazendo um primeiro rascunho;

- b) Observar se os elementos da narrativa estão presentes nele;
- c) Verificar a inexistência de contradições e incoerências;
- d) Pedir a alguns colegas para lê-lo;
- e) Pedir ao professor para revisá-lo;
- f) Realizar sua própria revisão;
- g) Reescrever o texto;
- h) Entregar ao professor para que componha a coletânea.

Para encerrar as atividades da seqüência didática, o professor poderá propor à turma uma apresentação na sala de aula, ou mesmo para outras turmas, das lendas produzidas por eles.

REFERÊNCIAS

- BRAZÃO, Suely Mendes. **Como surgiram os seres e as coisas**. Co-edição Latino-americana. São Paulo : Ática, 1997.
- DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas : Mercado de Letras, 2004.
- FARACO, Carlos Emílio. **Linguagem Nova**. Volume 6. São Paulo : Ática, 2002.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem** – 4.ed. – São Paulo : Martins Fontes, 1997.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 7.ed. Campinas : Pontes, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 6.ed. São Paulo : Cortez, 2005.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa Para a Educação Básica**. Curitiba, 2006.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. Viagens de leitura. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação à Distância. Brasília, 1996. Cadernos da TV Escola.
- ROJO, Roxane. **Orientações curriculares do ensino médio**. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Linguagens Códigos e suas tecnologias. Brasília, 2004.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**: Pesquisas e propostas – 2.ed. – São Paulo, 2005.

ANEXO I

A HISTÓRIA DE IAÇÁ

Suely Mendes Brazão

A bela índia Iaçá, da tribo dos caxinauás, apaixonou-se por Tupá, filho do deus supremo, Tupã.

Com muita inveja de Tupá, o demônio Anhangá resolveu tomar sua noiva. Para isso, propôs à mãe de Iaçá que impedisse o casamento da filha, dando-lhe em troca caça e pesca abundantes para o resto da vida.

Interesseira, a mãe de Iaçá proibiu-a de ver Tupá e marcou logo o casamento da filha com Anhangá.

Triste e desesperada, a jovem não tinha outra saída, mas pediu a Anhangá que a deixasse ver Tupá pela última vez, nem que fosse de longe. Ela sabia que, depois de casada, teria de ir para o interior da terra, para o inferno, onde morava Anhangá, e nunca mais poderia chegar perto de Tupá, que vivia no céu, junto com seu pai, Tupã.

Anhangá resolveu atender ao pedido da moça, mas com uma condição: ela teria de fazer um corte em seu braço, para que o sangue pingado fosse formando um rastro em sua subida ao céu; desse modo, o demônio poderia acompanhar sua caminhada.

No dia do casamento, pouco antes da cerimônia, Iaçá partiu para sua última visita a Tupá. E o sangue de seu braço foi formando um arco vermelho no céu.

Tupá, que era muito poderoso, mandou que o sol, o céu e o mar fizessem companhia à jovem em sua viagem, descrevendo outros três rastros, ao lado do risco vermelho, para confundir Anhangá. O sol, Guaraci, traçou um arco amarelo; o céu, luaca, um arco azul-claro; e o mar, Pará, um arco azul-escuro.

Iaçá, porém, não conseguiu chegar ao céu, nem ver Tupá: muito enfraquecida, foi caindo lentamente em direção à terra. Seu sangue misturou-se primeiro com o traçado amarelo de Guaraci, formando um rastro laranja, e depois com o arco azul de luaca, descrevendo outro rastro, cor de violeta.

Quando chegou à terra, Iaçá não foi para o inferno, nem se casou com Anhangá. Morreu numa praia, banhada pelo mar e pelos raios de sol. De seu corpo, subiu ao céu um arco verde, formado pela mistura do azul de Pará com o amarelo de Guaraci. Era o sétimo arco, que acompanhava a trajetória dos seis anteriores.

É por isso que o arco-íris tem sete cores e sempre aparece no céu em forma de arco...